



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 20 DE ABRIL DE 1998

Antes de embarcar para São Paulo, onde vou ao enterro do Sérgio Motta, eu queria expressar ao País, por intermédio desse comitê de imprensa, o sentimento que tenho, e que eu sei que é compartilhado por muitos brasileiros e muitas brasileiras, pela perda deste mais que amigo, um irmão e um homem que, na verdade, se dedicou com muito entusiasmo às tarefas que lhe foram atribuídas, para mudar e melhorar o Brasil.

Isso vem de longe. O Sérgio sempre foi um militante. Era um homem que acreditava, um homem que tinha profundas convicções e que lutava pelos seus objetivos, pelos seus ideais. Com seu estilo afirmativo, todas as vezes que ele, no impulso de melhorar as coisas ou de conseguir aquilo que lhe parecia melhor para o País, para o seu partido, eventualmente pudesse ter afetado pessoas, nunca guardou rancor e sempre foi capaz de refazer amizades. Tanto é assim, que eu tenho recebido manifestações dos mais diversos setores do Brasil – mesmo antes do falecimento do Sérgio – para expressar o quanto ele fará falta ao Brasil.

Não quero apenas falar do PSDB, onde, certamente, o Sérgio, nos últimos anos, se tornou um ponto de referência, mas me refiro aos demais partidos, e não só aos partidos que apóiam o Governo, mesmo

os partidos que estão em oposição. Alguns desses que estão em oposição, porque nos conhecem há muitos anos, sabem que muito do que dizem é da boca para fora, porque sabem que estão lidando com pessoas como o Sérgio, que são pessoas sérias. O Sérgio sempre foi um homem sério e comprometido.

A vida é assim. Estive com ele na sexta-feira, antes de ir ao Chile. Já o vi praticamente sem forças. Vou vê-lo, pela última vez, dentro de alguns instantes. Mas a memória do Sérgio vai servir, sempre, de inspiração para todos os que acreditamos que é possível mudar as coisas, mudar para melhor, que é preciso ter um compromisso com o País e com o povo.

Não quero acrescentar nada mais, nem quero ser retórico. Não é meu jeito, nem é o momento para retórica. Não é preciso dizer o quanto, pessoalmente, eu sinto isso, minha família sente e pela família dele também. Mas eu também queria deixar com vocês a última manifestação consciente que o Sérgio teve, com respeito a algumas questões nossas. Na semana passada, fui a São Paulo na quinta-feira e não pude vê-lo, porque ele estava com a máscara e não tinha condições de falar. Ele soube que eu estava lá em São Paulo, que minha intenção era ir ao hospital e que, não podendo ir ao hospital, fui para minha casa em Ibiúna. E ele, à noite, me mandou um fax. Terá sido o último fax, pelo menos que dirigiu a mim, e foi momentos antes de ele ir para a UTI e, portanto, talvez seja a última demonstração do pensamento dele, ainda quando tinha consciência.

Vou deixar a cópia e original, que ele escreveu à mão. Diz assim: “Caro Fernando: Em anexo, estou lhe enviando o editorial do Jornal de Brasília, escrito pelo Gutemberg, acompanhado de um bilhete do Chico Mendonça. São sinais como esses que eu quero que o seu governo tenha, pois estarão na continuidade de sua linha de vida. Não são processos conjunturais que deverão alterar ou afetar nossas políticas de transformação do Brasil. Nada disso, é verdade, seria possível, na minha área, sem o seu apoio. Tudo que propus está revolucionando o setor. Você nunca titubeou. Aja assim sempre”, grifou, “em todas as áreas e conte comigo. Li no jornal a proposta do Blair e fiquei orgulhoso. Não

se apequene. Cumpra seu destino histórico. Coordene as transformações do País. Obrigado pelo apoio. Um abraço do amigo Sérgio.”

Aqui se vê o Sérgio de corpo e alma. Ele atribuindo a outrem, no caso, a mim, virtude que foi dele, de transformar o setor das telecomunicações. Claro que eu o apoiei, mas sem ele teria sido impossível fazer o que foi feito. E se vê, também, a profunda convicção política que o move e que nos move. E, também, esse sentimento de que as coisas pequenas que, muitas vezes, ferem, como ele foi ferido tantas vezes, não devem contar. O que deve contar é o sentimento que nós, brasileiros e brasileiras, precisamos ter, de que temos a responsabilidade de melhorar o País. O Sérgio morreu lutando desse jeito.

Muito obrigado.